

## A Polifonia do Bar Valentino: O Espaço Como Suporte Para A Narrativa Visual De Uma Geração<sup>1</sup>

Isabela Yankous Vale Santos Rezende<sup>2</sup>

Silvio Ricardo Demétrio<sup>3</sup>

### Resumo

O Bar Valentino é um ícone da vida noturna de Londrina e palco para as manifestações culturais do circuito alternativo da cidade, que estão representadas nos pôsteres de suas paredes internas. Diante da relevância do local, o objetivo deste artigo consiste em analisar como a sua decoração constitui uma narrativa visual, que auxilia na compreensão das referências simbólicas de uma geração, que frequentou o bar antes de sua mudança de endereço, em 2006. A bibliografia consultada fundamenta-se nos estudos geracionais e na perspectiva teórica da sociologia, a partir dos aspectos do cotidiano, como o espaço, o tempo e as ações individuais e coletivas; a metodologia aplicada baseia-se na análise de discursos. Assim, conclui-se que existe uma relação entre a vida cotidiana de uma geração de frequentadores e os pôsteres decorativos, como um universo simbólico que retrata o senso comum de uma realidade compartilhada, constituindo um capítulo da memória londrinense.

**Palavras-chave:** Sociologia urbana; cotidiano; geração; dialogismo; intertextualidade.

### Introdução

É improvável discutir sobre os circuitos alternativos da noite londrinense sem fazer referência ao Bar Valentino — considerado um símbolo da cidade, costuma-se dizer que este reduto tem aura. Funcionando numa antiga e aconchegante casa de madeira, o “Valeco”, como é conhecido pelos jovens dos dias de hoje, ou o “Valengay”, apelido considerado pejorativo pelo público conservador, mas que soa simpático aos ouvidos de quem busca por espaços democráticos, é “o bar para quem

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comércio e Arquitetura, do Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cidades - COMCID, realizado no dia 04 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação, especialista em Gestão Estratégica de Design e Inovação e bacharel em Design de Moda, sendo todos os cursos ofertados pela Universidade Estadual de Londrina - isabelayankous@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Epistemologia da Pesquisa em Comunicação e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina, sendo professor adjunto na mesma instituição - silviodemétrio@uel.br

está... *in, out, up and down*” — como descreve a capa de seu cardápio, que já passou pelas mãos das figuras mais boêmias de Londrina.

Segundo Staviski (2004), no ano de 1979 o bar foi fundado pelos professores José Antônio Theodoro e Moraes — seus alunos, inclusive, trabalhavam lá como garçons. Desta mesma iniciativa se originou o grupo de teatro Delta que, devido ao seu sucesso surpreendente, começou a fazer viagens pelo país, e também pelo exterior. Por conta disso, em 1981, o bar foi vendido para um italiano, conhecido como Pino, que incorporou a macarronada ao cardápio, e derrubou as paredes internas da casa de madeira, criando um aspecto de *pub*. Em 1986, decidiu voltar para a Europa, e ofereceu o estabelecimento a Marcos e Luís Marangoni, donos de uma casa de massas, e seus fornecedores; eles que deram origem aos eventos musicais. No ano de 1991, foi vendido para seu atual proprietário, Valdomiro Chammé.

De acordo com o mesmo autor (2004), o Bar Valentino se transformou num estado de espírito, por ter se caracterizado pelas surpresas improvisadas de seus *happenings*, pelas suas apresentações teatrais e pelos shows musicais. O autor descreve suas singularidades, classificando-o como um bar raro — apesar de existirem bares que retratam o espaço empresarial, os aspectos intelectuais e o comportamento dos indivíduos de um local de maneira fidedigna,

[...] poucos conseguem ir além disso, ou seja: transformando-se na vanguarda, no próprio coração onde pulsa a vida cotidiana, onde se produz e por onde passa muito do que acontece de realmente importante, ditando o que vai ser ou não moda, o que é ultrapassado, tendências, influenciando tudo ao seu redor. O Valentino, de Londrina, é um desses bares raros. Quase nada do que acontece na cidade deixa de passar por ali, seja para ser avaliado, criado ou sancionado. É uma caixa de ressonância, o coração pulsante de Londrina e o retrato mais vivo da agitada vida cultural local (STAVISKI, 2004, p.144-145).

Além de ser referência da vida boêmia e cultural londrinense, pelo Bar Valentino passaram artistas como Paulo Autran, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Cássia Eller, Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé, Mário Gomes, Ester Góis e Paulo Leminski, que vinham se apresentar na cidade, ou prestigiar os festivais de música e teatro que aconteciam aqui (LUPORINI, 2014).

Em 2006, a antiga casinha, ainda charmosa, mudou de endereço. Toda desmontada, as madeiras foram transportadas e reconstruídas numa réplica perfeita. Suas paredes, decoradas interiormente com pôsteres envelhecidos pelo tempo, como aqueles de Rudolph Valentino, ator que inspirou o nome do bar, ou os dos festivais de teatro e de música de Londrina podem despertar em

seus frequentadores a sensação de estar em bares de grandes centros, ou mesmo do exterior (FERREIRA, 2007).

Desta forma, a partir do contexto apresentado, o presente artigo procura responder a seguinte pergunta: que relação pode ser encontrada entre a vida cotidiana do Bar Valentino e os pôsteres que decoram as suas paredes internas? O objetivo geral consiste em analisar como esta decoração constitui uma narrativa visual que auxilia na compreensão das referências simbólicas de uma geração, que frequentou o bar antes de sua mudança de endereço.

A justificativa desta pesquisa reside na escassez de estudos sobre o Bar Valentino, uma vez que foi encontrada apenas uma dissertação de mestrado<sup>4</sup> sobre o tema, em outra área de estudo que não a da Comunicação. A importância deste artigo também reside no fato de que, desde a sua inauguração, o bar não deixou de ser um importante espaço de socialização no cotidiano da vida noturna de Londrina. Assim, afirmar a sua relevância “[...] significa ressaltar a inscrição mundana de nossas representações, mostrar que nossos sonhos e práticas cotidianas se enraízam e se territorializam num húmus que é fator de socialidade” (MAFFESOLI, 1984, p. 55).

## A Vida Cotidiana e a Geração

Segundo Tedesco (2003), a sociologia da vida cotidiana compreende as ações individuais rotineiras, ao situá-las numa esfera institucional e simbólica, considerando os papéis exercidos pelas pessoas na estrutura social onde se encontram. A vida cotidiana, então, é caracterizada por um ator individual que, vivendo de maneira individualista ou estruturalista, está inserido num contexto socioespacial.

Esta noção de cotidiano pode ser complementada por Maffesoli (1984), que o aborda sob a perspectiva compreensiva e não racionalista dos fenômenos sociais, levando em conta elementos como os tribalismos, as atitudes grupais e a interatividade midiática. A temática do cotidiano não é uma redução ao individual, uma vez que busca analisar as novas estruturas “societais” por meio da localidade e de seus rituais correspondentes, sendo a trama social construída, essencialmente, pelas

<sup>4</sup> MEIRA, Thomás Antonio Burneiko. “... da força da grana que ergue e destrói coisas belas”: uma etnografia dos circuitos de lazer noturno em Londrina - PR a partir do Bar Valentino. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13102010-153907/>

microatitudes e pelas situações pontuais e totalmente efêmeras do cotidiano, que se fundam sobre a repetição.

Conforme Berger e Luckmann (2004), o caráter intrínseco da vida cotidiana é o senso comum, uma interpretação subjetiva da realidade que se apresenta, empreendida pelos indivíduos com a intenção de conferir sentido à construção de um mundo coerente. Ou seja, a existência tem origem na consciência e nas atitudes humanas, que é tomada como verdadeira, e acaba por definir as condutas que buscam um propósito às suas vidas.

Para Tedesco (2003), mesmo no estágio avançado de modernização em que nos encontramos, com os avanços tecnocientíficos e suas consequentes rupturas, há uma continuidade das relações tradicionais, que por vezes se sobrepõem às racionalidades técnicas. A vida cotidiana não se apresenta apenas como resultado das mediações do fetichismo linear das técnicas, como a divisão do trabalho e dos saberes, por exemplo, pois preserva uma riqueza que se contrapõe à realidade programada e empobrecida. Há o desejo de conservar as realidades e as representações antigas — que podem ser privadas de reparos — a fim de que se perpetuem na sociedade.

Tal ideia de continuidade é corroborada por Maffesoli (1984), quando este defende que o tempo vivido individual e socialmente é repetitivo e circular, oposto a um tempo linear, progressivo e homogêneo. Existe uma permanência da socialidade, que resulta nas singularidades de uma cultura. Dessa forma, para o autor,

a sensação de que os modos de vida não mudarão, de que não têm que mudar, remete à profunda convicção da necessidade da *diferença*. [...] Para além do econômico ou do político, a relação com o tempo permanece uma instância que determina ao máximo a vida cotidiana, e não considerá-la significa falar de sociedades desencarnadas, tanto quanto ao se desconsiderar as pressões econômicas e políticas. Além disso, enquanto estas são variáveis e modificáveis segundo as situações históricas, a relação com o tempo em suas diversas modulações é de uma estabilidade surpreendente (MAFFESOLI, 1984, p. 24).

Esta visão se aproxima do conceito de Berger e Luckmann (2004), chamado universo simbólico, que organiza a história ao localizar as manifestações coletivas numa unidade que engloba o passado, o presente e o futuro — em relação ao passado, este seria constituído pela memória coletiva, compartilhada por todos os sujeitos de determinada coletividade, sendo que o futuro representaria um quadro de referências a serem projetadas nas atitudes individuais. Portanto, o universo simbólico é responsável pela união dos mortais aos seus predecessores e sucessores, tendo esta plenitude sentido ao transcender a fugacidade da vida e o seu consequente término. É uma

dimensão cósmica que não depende da instabilidade e da finitude da existência do indivíduo, uma vez que é uma comunidade existente antes de seu nascimento, e permanente após sua morte.

Além da questão do tempo, outro fator que contribui para a compreensão do cotidiano é o espaço. De acordo com Ballandier (1983 apud TEDESCO, 2003), pequenas comunidades permitem uma observação mais aprofundada de elementos constituintes da chamada experiência total, que inclui os fenômenos e os atores sociais, com suas representações, estratégias e práticas. Esta noção é complementada por Tedesco (2003), que explica que a banalidade do cotidiano possui significados, como a demarcação de espaços de resistência perante a sociedade global.

Sobre esta questão, é relevante mencionar os apontamentos sobre localidades e convivências de Maffesoli (1984), segundo os quais os hábitos e os costumes cotidianos são moldados pelo espaço, o que permite a comunidade se estruturar. Ao redor do território e, por causa dele próprio, nasce um desejo de estar-junto, podendo o local assumir formas diversas, como um mercado, uma igreja ou outros espaços da sociedade.

Então, o espaço propicia um mundo intersubjetivo, que Berger e Luckmann (2004) definem como a reciprocidade que permite as consciências individuais comunicarem-se. Tal intersubjetividade é a essência da vida cotidiana, uma vez que esta é a realidade compartilhada por todos os seres, que não poderiam existir sem estarem constantemente interagindo e se comunicando. A noção é bem ilustrada pelas palavras dos autores, segundo os quais, a

[...] atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural dos outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam este mundo em torno do “aqui e agora” de seu estar nele e têm projetos de trabalho nele. [...] De todo modo, sei que vivo com eles em um mundo comum. O que tem a maior importância é que eu sei que há uma contínua correspondência entre *meus* significados e *seus* significados neste mundo que partilhamos em comum, no que respeita à realidade dele (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 40).

Estas noções sobre o espaço, o tempo e as ações individuais e coletivas são comuns aos estudos geracionais. Em relação à palavra “geração”, a maior parte dos historiadores considera a clássica definição de Karl Mannheim, segundo a qual esta representa uma identidade de lugar, que compreende “grupos etários” inseridos em certo processo histórico-social. Tais características podem estipular um foco para a aplicação do termo, porém, não resolvem a questão fundamental de estabelecer os limites de uma suposta geração (SPITZER, 1973, tradução nossa).

Assim, para Sirinelli (2006), é preciso definir duas condições ao utilizar a geração como parâmetro. Primeiro, este é um padrão elástico, como um ritmo histórico que sofre dilatações ou

encolhimentos, conforme seu acontecimento inaugurador; segundo, os setores econômicos, sociais, políticos e culturais de uma época podem apresentar variações entre os seus próprios ritmos. Apesar destas duas observações, o autor salienta a relevância do emprego da geração, que se apresenta como

[...] uma estrutura que a análise histórica deve levar em consideração, o que, diga-se de passagem, contribui — se é que isso é preciso — para reabilitar o acontecimento. Em vez de ser apenas a espuma de uma vaga formada pelas estruturas socioeconômicas, este também pode ser gerador de estruturas: por exemplo, as gerações criadas ou modeladas por um acontecimento inaugurador (SIRINELLI, 2006, p.137).

Desta forma, pode ser reconhecida uma unidade geracional em grupos de indivíduos nascidos em um mesmo período, ou em fenômenos culturais que possuem a mesma data de origem (SPITZER, 1973, tradução nossa). De acordo com este critério, jovens que lidam com um problema histórico de maneira semelhante constituem uma unidade geracional, enquanto aqueles que vivenciam tais problemas de modo diferente, em uma mesma época, constituem uma unidade geracional distinta (MANNHEIM, 1952, tradução nossa).

Este fator corrobora a noção de que a geração é também um fato cultural, modelado por um acontecimento e, por vezes, decorrente do sentimento de pertencimento às particularidades de uma faixa etária, ou seja, pode manifestar-se como uma identidade autoproclamada (SIRINELLI, 2006).

## Metodologia

A partir dos conceitos expostos no tópico anterior e do objetivo deste artigo, que consiste em analisar como a decoração das paredes internas do Bar Valentino constitui uma narrativa visual que auxilia na compreensão das referências simbólicas de uma geração, que frequentou o bar antes de sua mudança de endereço, será utilizada como metodologia os estudos de Mikhail Bakhtin sobre análises de textos e discursos, retomados por Barros (2004). Aqui, o foco estará nas noções de dialogismo e polifonia, ou intertextualidade.

Antes de tudo, é importante esclarecer que “se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte)” (BAKHTIN, 2003, p.307), isto é, os pôsteres que decoram o Bar Valentino podem ser considerados como elementos de um texto, construído e expandido pelos diversos proprietários do estabelecimento.

Assim, continuando com os estudos de Barros (1994), a autora salienta que o centro das pesquisas de Bakhtin é a linguagem, cujo princípio constitutivo é o dialogismo, o que confere sentido a um discurso. O que orienta a cultura ideológica dos tempos modernos é o chamado monologismo, contudo, a causa dialógica se opõe a ele; mesmo que se encontre mascarada no discurso, esta é a característica essencial da linguagem.

Segundo a mesma autora (1994), o dialogismo é resultado da interação entre o enunciador e o enunciatário no espaço do texto. Esta concepção não está relacionada com a subjetividade, uma vez que o dialogismo interacional depende do deslocamento do conceito de sujeito — este se retira do centro, sendo substituído por duas ou mais vozes sociais, que o transformam em sujeito histórico e ideológico. Então, na dualidade da enunciação e na heterogeneidade da linguagem, “[...] o sujeito deixa de ser o centro da interlocução que passa a estar não mais no *eu* nem no *tu*, mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no texto” (BARROS, 2004, p.3). Neste diálogo, os sistemas de valores do enunciador e do enunciatário implicam na persuasão e na interpretação.

Ainda, Barros (1994) considera o aspecto da polifonia, ou intertextualidade. Existe uma conversa textual interna, concebida de maneira polifônica, entre vozes complementares que falam, polemizam e respondem umas às outras, estabelecendo e reproduzindo um diálogo com outros textos. Esta polifonia, porém, não pode ser utilizada como um sinônimo de dialogismo, já que este diz respeito ao princípio constitutivo da linguagem e de todo o discurso, que pode produzir um efeito polifônico, no qual as vozes deixam-se escutar, ou monofônico, quando apenas uma voz é ouvida, mascarando o diálogo.

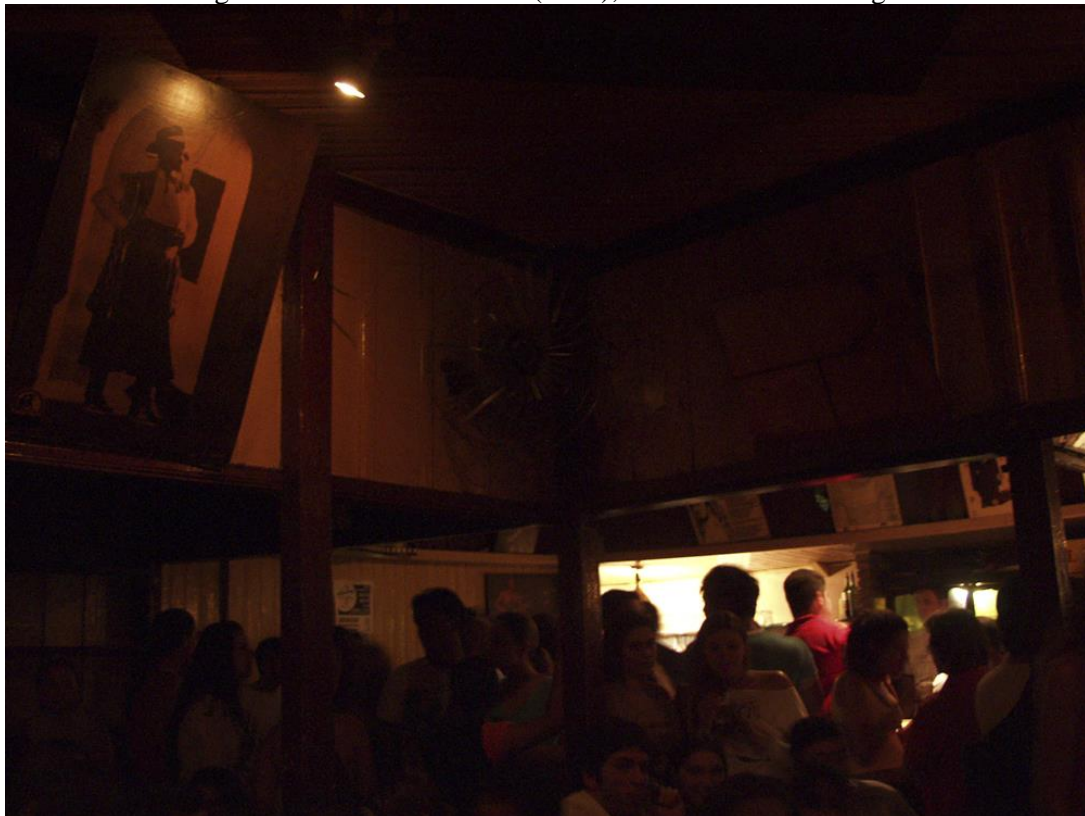
## Resultados e Discussões

A decoração das paredes internas do Bar Valentino compõe um conjunto de sessenta e três quadros, que inclui pôsteres de grupos de teatro, artistas e festivais de Londrina, além de astros de cinema e cenas de filmes. Os pôsteres do ator Rudolph Valentino (Figura 1), entre outros mais antigos, foram incorporados pelos primeiros donos, aficionados por cinema, e estão presentes no estabelecimento desde a sua inauguração, o que justifica o aspecto envelhecido dos mesmos. Como declara o último e atual proprietário, o bar “teve outros donos que, ao seu modo, conservaram as



referências anteriores e introduziram coisas novas, acumulando experiências” (CHAMMÉ, 2002, p. 3).

**Figura 1** – Pôster de Rudolph Valentino, no canto superior esquerdo  
Fotografia: Saulo Haruo Ohara (2004); fonte: acervo do fotógrafo



A partir da compra do bar pelo segundo proprietário, o italiano conhecido como Pino, que assume a direção em 1981, os frequentadores passaram a doar pôsteres aos donos, como aqueles do grupo de teatro Proteu. Após a mudança de endereço, no ano de 2006, pouquíssimos pôsteres foram adicionados, devido à falta de lacunas nas paredes. Assim, estes pôsteres podem ser considerados elementos simbólicos que constituem um texto, construindo, juntos, uma narrativa visual que conta histórias do Bar Valentino.

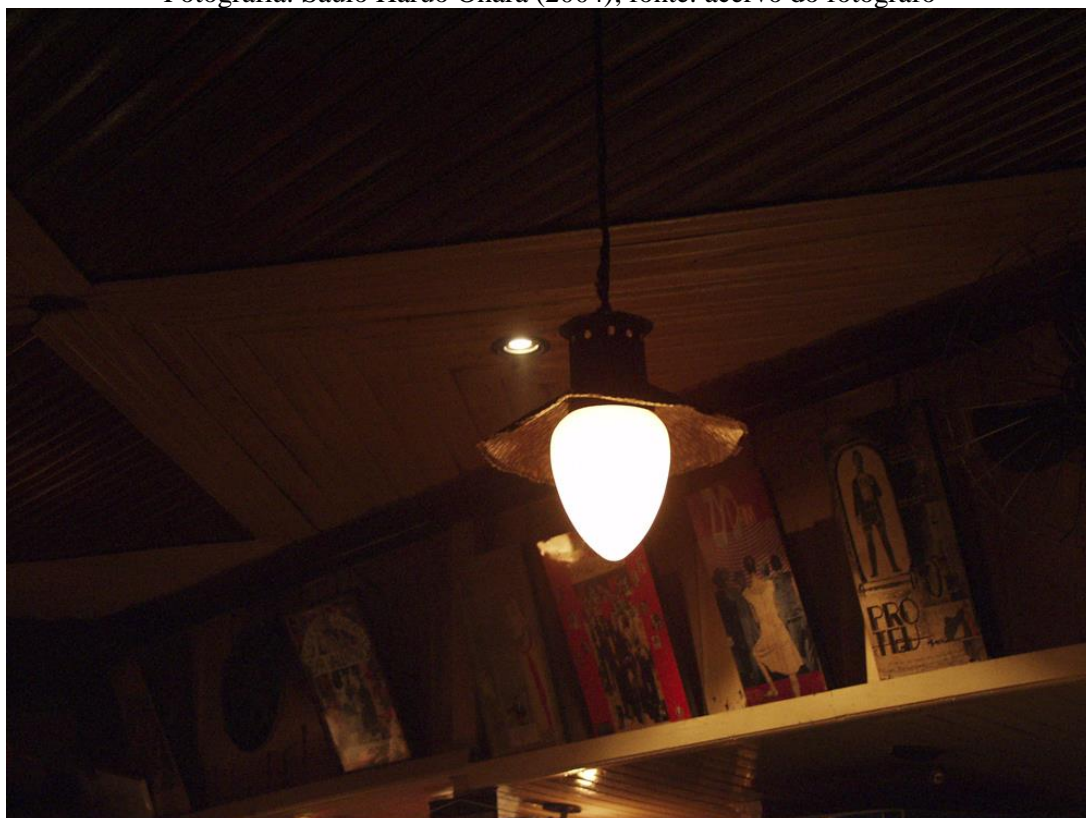
O dialogismo, resultante da comunicação entre o enunciador e o enunciatário (BARROS, 2004), possibilita compreender que cada um dos proprietários inspirou a narrativa do outro, ou seja, o dono anterior é um enunciador para o dono seguinte, enunciatário, que por sua vez, torna-se um enunciador ao adicionar à parede mais um pôster — enunciador e enunciatário tornam-se o mesmo



sujeito, unidos num pôster em si, que “chama” outro pôster. Os próprios doadores podem ser considerados enunciadores, ao cederem os pôsteres, sendo, antes, enunciatários influenciados pela decoração inicial. Além disso, o próprio conteúdo do pôster exerce o papel de enunciador, não apenas o indivíduo que teve a iniciativa de dispor o pôster na parede, o que justifica a unidade dos temas, todos do universo das artes.

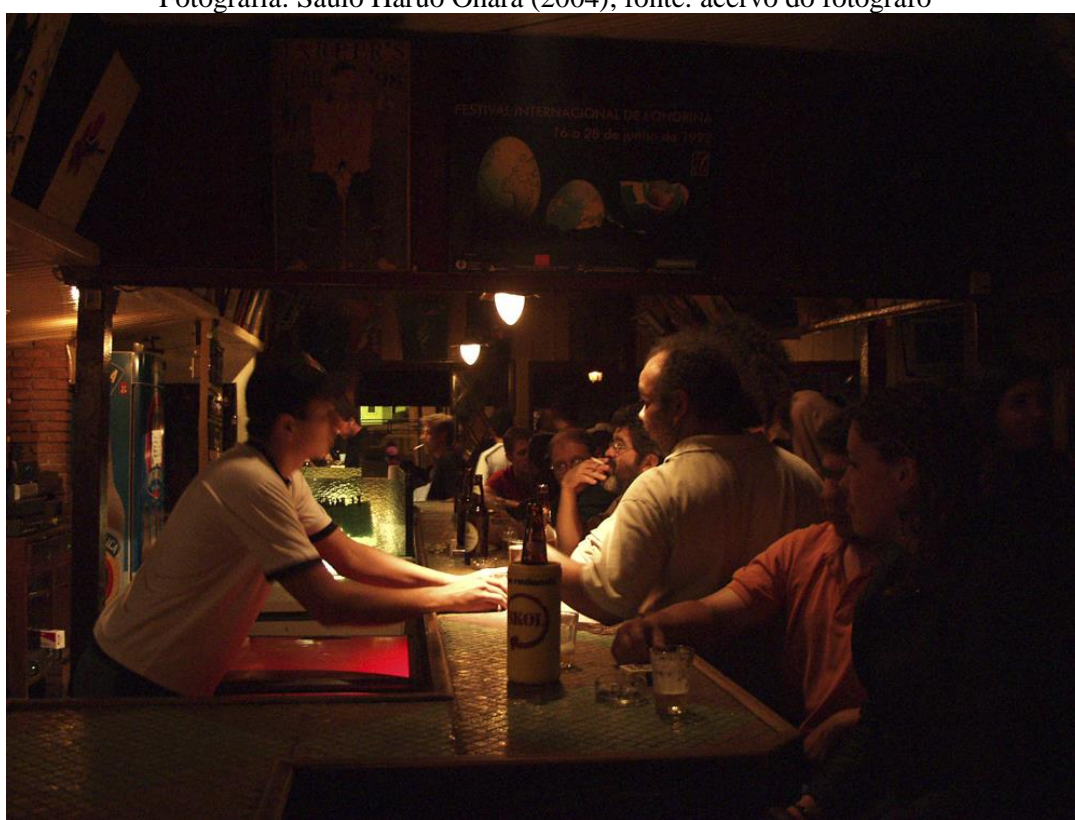
Esta realidade, conseqüentemente, exemplifica o conceito de polifonia, ou intertextualidade (BARROS, 2004). Uma vez que a maioria dos pôsteres possui a mesma temática, as artes cênicas, eles conversam entre si, como vozes complementares que respondem umas às outras. O pôster do ator de cinema silencioso, Rudolph Valentino, que inspirou o nome do estabelecimento, decora a parede desde os primeiros anos de funcionamento do bar, e influencia a escolha dos próximos pôsteres, por exemplo, os dos grupos de teatro da cidade. Assim, o pôster da peça ZYDrina, do grupo Proteu (Figura 2), espetáculo estreado em 1988, foi incorporado pelo terceiro dono, que assumiu a direção em 1986.

**Figura 2** – Pôster da peça ZYDrina, o segundo da direita para a esquerda  
Fotografia: Saulo Haruo Ohara (2004); fonte: acervo do fotógrafo



Motivado pela presença de pôsteres de grupos de teatro locais, o último proprietário, que comprou o Bar Valentino em 1991, seleciona o pôster da edição de 1992 do Festival Internacional de Londrina (FILO) (Figura 3), evento originado e realizado anualmente na cidade.

**Figura 3** – Pôster do FILO, acima, o segundo da esquerda para a direita  
Fotografia: Saulo Haruo Ohara (2004); fonte: acervo do fotógrafo



O dialogismo pode se relacionar com o conceito de Berger e Luckmann (2004) de senso comum, conjunto de interpretações da vida, que gera condutas. Neste caso, as atitudes tomadas pelos proprietários tiveram o objetivo de incorporar novos símbolos da vida cotidiana dos frequentadores, mantendo-se fiéis, contudo, às características das estruturas “societais”, termo utilizado por Maffesoli (1984), uma vez que os pôsteres representam os mesmos tipos de rituais, ou seja, as manifestações artísticas locais. A causa dialógica também pode ser ilustrada pela ação individual na esfera institucional, aspecto considerado intrínseco da vida cotidiana, por Tedesco (2003) — as opiniões dos frequentadores sobre as mudanças realizadas no lugar sempre foram respeitadas,

[...] muito além de acreditar ou não em superstições, o que cada dono fez ao longo desses anos foi procurar manter o Valentino com as mesmas características iniciais [...] Nas reformas que a casa teve, estes objetos até saíram do lugar. Mas os clientes reclamaram e tudo voltou como antes (MENDONÇA, 2000, p. 1C).

O conceito de intersubjetividade de Berger e Luckmann (2004), que diz respeito à reciprocidade presente na comunicação entre as consciências individuais, também pode se associar ao dialogismo, pois sempre houve uma interação entre os diferentes donos que passaram pelo bar, mesmo que indireta, acontecendo por meio das paredes. Esta comunicação mostra a importância do local, que acabou gerando um espaço de resistência, termo utilizado por Tedesco (2003), já que o Bar Valentino se manteve como propagador da cultura, no período em que o Brasil esteve sob o regime da ditadura militar. Ainda, os pôsteres das manifestações londrinenses são registros visuais das atitudes grupais dos jovens, o que traduz, por meio do espaço, o desejo de estar-junto, de Maffesoli (1984) — a fala a seguir, sobre boatos de que o Valentino iria fechar, exemplifica tal sentimento:

“Quando me contaram, pensei: o que será de mim agora?” - lembra o ator e diretor de teatro João Henrique Bernardi, 33 anos, que bate cartão no local há mais de 15 anos. “O Valentino faz parte da minha história. Ali, conheci pessoas legais, tive conversas legais e assisti a muitas peças legais. Lembro que no começo nos anos 80, havia uma certa rivalidade entre os grupos de teatro Proteu e Delta, que eram os maiores da cidade. Quando um ou outro estreava um espetáculo, todos os atores iam para o bar e ficavam lá cara a cara. Aquilo excitava todo mundo que acompanhava o movimento teatral da cidade”. Bernardi lembra que o estigma de “bar gay”, atribuído ao Valentino, marcou bastante sua adolescência: “Havia um desejo de ir e ao mesmo tempo o medo. Hoje em dia, isso não existe mais. Mas, na época, o Valentino era o bar do pecado” (SATO, 2003).

A noção de polifonia pode se relacionar ao conceito de universo simbólico, de Berger e Luckmann (2004), uma unidade que engloba passado, presente e futuro — ou seja, com o decorrer do tempo, os quadros que foram sendo adicionados à decoração do bar procuraram estabelecer a intertextualidade, tendo como exemplo os diversos pôsteres do Proteu e do FILO presentes nas paredes. Esta atitude de conservar referências antigas demonstra o aspecto cíclico do tempo, de Maffesoli (1984), que se mostra como um eterno presente, buscando preservar as particularidades de uma cultura, e suprir a necessidade humana de ter identidade. Inclusive, os pôsteres se encontram um pouco deteriorados pelo tempo, o que denota a privação de reparos como um objetivo de perpetuação dos mesmos na vida cotidiana (TEDESCO, 2003).

Estes remanescentes de um tempo passado no espaço do Bar Valentino podem ser considerados como um conjunto de referências simbólicas de uma geração de indivíduos na qual se

pode observar um sentimento de pertencimento ao local, uma vez que a sua identidade foi auto-proclamada nas paredes internas do bar, pela doação dos pôsteres, o que denota um apego afetivo dos frequentadores. Então, como o início de um grupo geracional pode ser modelado por um acontecimento inaugurador, segundo Sirinelli (2006), a fundação do bar, no ano de 1979, pode ser definida como tal acontecimento inaugurador — tendo em vista que os alunos dos primeiros proprietários frequentavam o local e, supondo que na época eles tinham por volta de 17 anos, a geração estudada é aquela dos nascidos a partir do ano de 1962, que frequentaram o Bar Valentino ao menos até sua mudança de endereço, quando os pôsteres deixaram de ser incorporados à decoração.

Enfim, além das idades semelhantes, é possível perceber uma unidade geracional neste grupo etário, conforme os estudos de Mannheim (1952) e Spitzer (1973) — estando inserido no processo histórico-social da ditadura civil-militar brasileira, e no período de reabertura política do país, estes indivíduos vivenciariam os problemas característicos deste tempo de forma parecida, uma vez que o Bar Valentino era procurado por ser um ambiente democrático e acolhedor, como indica o seu próprio apelido, “Valengay”.

### Considerações Finais

A partir dos resultados obtidos, pode-se confirmar que o Bar Valentino não é um mero local de descontração, pois se tornou um ícone da cidade de Londrina, configurando um espaço simbólico que surgiu espontaneamente, sem receber incentivos do poder público — a presença de grandes nomes do cenário artístico nacional exemplifica a sua relevância não apenas no âmbito regional. É um bar único, que escreveu a sua própria história, e serviu de suporte para a escrita de outras histórias, como a dos frequentadores, que decoram as paredes com suas próprias manifestações culturais.

Assim, as pessoas que lá adentram pela primeira vez percebem que o bar foi palco de muitos acontecimentos, justamente pela presença dos pôsteres, e esta troca simbólica, que se deu nas paredes, representa o ambiente democrático pelo qual ficou conhecido. Junto com a antiga casinha de madeira que, tamanho o seu simbolismo, foi desmontada e reconstruída, a decoração é a própria aura do estabelecimento. É notória a sensibilidade dos proprietários ao agregar referências semelhantes com o decorrer do tempo, expandindo a história contada ao permitir a escuta de várias vozes.

Também é possível dizer que a atmosfera do Bar Valentino transmite uma sensação de receptividade, de um local que propicia as mais variadas formas de socialização. O clima cosmopolita pode ser consequente do período em que pertenceu ao proprietário estrangeiro, e os pôsteres de astros de cinema, conhecidos mundialmente, serviram como uma fonte de inspiração para a decoração se desenvolver, aos poucos, suscitando nos frequentadores o desejo de também estarem presentes e adornarem as paredes do local.

Ainda, percebe-se a escolha proposital dos pôsteres, feita de maneira espontânea, porém, não aleatória. Estes quadros vêm se desgastando com o tempo, e por não serem substituídos por réplicas, não forjam um ambiente de mentira, permanecendo como memórias palpáveis das gerações anteriores, e como suporte para a geração atual e da que ainda está por vir — de sua inauguração até os dias de hoje, o bar se mantém aberto às experimentações inusitadas, exercendo o papel de disseminador cultural.

Finalmente, a realização deste trabalho mostrou que a história do cotidiano do Bar Valentino está exposta numa espécie de exposição permanente, a partir de um resultado semelhante à atividade de curadoria e, dado os sessenta e três quadros ali existentes, estes podem ser explorados de maneira pontual em pesquisas mais aprofundadas sobre o comportamento da geração de frequentadores do local, antes de sua transposição.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHAMMÉ, Valdomiro. O Bar Valentino ainda é um pólo cultural de Londrina? **Londrina Mais**, Londrina, 1 jun. 2009, p.3.

FERREIRA, Marta. Valentino: um espaço para todas as tribos. **Paraná Notícias**, Londrina, 13 abr. 2007, Na Noite, p.12.

LUPORINI, Fábio. Valentino, aos 35. **Jornal de Londrina**, Londrina, 12 out. 2014, p.13.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.



# COMCID

ENCONTRO DE PESQUISADORES  
EM COMUNICAÇÃO E CIDADES

MANNHEIM, Karl. **Essays on the Sociology of Knowledge**. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1952.

MENDONÇA, Gisele. Valentino entra na maioria. **Jornal de Londrina**, Londrina, 28 out. 2000. Caderno Cultura, p. 1C.

SATO, Nelson. Bar histórico vai mudar de endereço. **Folha de Londrina**, Londrina, 17 jan. 2003. Folha 2.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.131-137.

SPITZER, Alan B. The Historical Problem of Generations. **American Historical Review**, Oxford, vol.78, n.5, dez.1973. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/1854096>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

STAVISKI, Norberto. **Pelos bares do Paraná: a vida é a arte do encontro – o bar é o lugar**. Curitiba: Palavra Viva: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2004.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social**. 2ªed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Passo Fundo: UPF, 2003.

COMCID

ENCONTRO DE PESQUISADORES  
EM COMUNICAÇÃO E CIDADES  
UEL - 2018